

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz  
Departamento de letras, Decano do CTCH da PUC-Rio

Ana, querida.

Venho aqui hoje para falar da vida, e não da morte. Você sempre abriu portas e escancarou janelas, estendeu pontes e derrubou muros. Venho como seu amigo, mais que como decano, como companheiro de lutas, parceiro de comissões e colegas, seu admirador confesso. E como eu venho da literatura e da música, escolhi três escritores por quem tenho extrema admiração para me ajudar na travessia dessa carta que celebra afetos.

Guimarães Rosa, quase no final de seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras em 16/11/1967, afirmava: “as pessoas não morrem, ficam encantadas”. Venho aqui em meu nome, e em nome dos nossos colegas, alunos, do pessoal administrativo e amigos do Decanato do CTCH, e por que não, de toda a PUC, celebrar o seu encantamento, a sua transformação em luz, a permanência do seu sorriso dançando com ternura e coragem em nossos sonhos. Essas duas palavras lhe traduzem muito bem: ternura e coragem, que se desdobram em afeto e desejo de justiça e mudança.

Como professora, pesquisadora, orientadora de trabalhos, cidadã, militante das causas sociais, defensora de uma educação democrática e transformadora, você sempre abriu portas e escancarou janelas para que a vida entrasse na sala de aula, daqui e do mundo. Sua escola sempre teve partido – o do respeito pela diversidade, o da comunhão com as diferenças, o da crítica contra a alienação e a exploração do homem.

De Drummond, eu retiro um verso que diz: “Fica um pouco de teu queixo no queixo de tua filha”. Ana Waleska, mulher do Vicente, mãe da Ana Beatriz, da Ana Luiza, da Ana Teresa e do José. Quem lhe conhece de perto sabe o quanto sua família foi (foi, não, é) importante, fundamental para você, força telúrica que sempre fez do carinho e do afeto potências de transformação. Não só fica um pouco do seu queixo – bela metáfora da genealogia que nos mantém vivo na Terra – no queixo dos quatro meninos, mas também no queixo dos seus alunos, orientandos, colegas pesquisadores e de todos os que tiveram a honra e o prazer de privar da sua convivência. O seu queixo nos outros queixos, simbólicos ou não, me faz crer que sua herança fica, que seu amor fica, que a sua missão, a nossa missão, não fenecerá.

E por fim, Ana, trago João Cabral para reiterar o espetáculo transformador da vida. Na última parte de *Morte e Vida Severina*, um Auto de Natal, lê-se:

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;

Retorno a Drummond para fechar este testemunho de amizade. Volto aos versos com os quais tentei celebrar sua radiosa, potente e fraterna passagem por este mundo de sertões e veredas, minha querida Ana. Não só fica um pouco de seu queixo no queixo de suas filhas e de seu filho, como nos queixos de seus netos – seus netos, a vida que se faz vida, a vida que continua, a vida que não cessa. Matheus e Francisco são a fábrica que ela mesma (a vida) teimosamente se fabrica, são o mistério que faz do seu queixo a chave que continuará abrindo portas e escancarando janelas.

Um beijo fraterno,

Júlio